

O ESCREVER COMO PRINCÍPIO FORMATIVO DE PROFESSORES: Contribuições de Mario Osorio Marques ao Pibid da Furg

Charles dos Santos Guidotti¹
Maria do Carmo Galiuzzi²

RESUMO

O artigo apresenta as contribuições de Mario Osorio Marques para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) da Universidade Federal do Rio Grande (Furg). Destaca-se a escrita como dispositivo formativo e epistemológico, promovendo o diálogo entre teoria e prática na formação de professores. Materializada em artefatos como os portfólios coletivos e as histórias de sala de aula, a escrita configura-se como instrumento de pesquisa e reflexão crítica. Essas práticas permitem aos participantes do Programa ressignificarem suas experiências, investigarem suas práticas pedagógicas e (re)construírem o conhecimento sobre a docência. Pesquisas acerca desses artefatos evidenciam a potência do ato de escrever como modo de pensar, compreender e, neste movimento, tornar-se professor.

Palavras-chave: Formação de professores; Escrita narrativa; Portfólio coletivo; Histórias de sala de aula; Pibid.

WRITING AS A FORMATIVE PRINCIPLE FOR TEACHERS: CONTRIBUTIONS OF MARIO OSORIO MARQUES TO FURG'S PIBID

ABSTRACT

The article presents the contributions of Mario Osorio Marques to the Institutional Program of Teaching Initiation Scholarships (Pibid) at the Federal University of Rio Grande (Furg). Writing is highlighted as a formative and epistemological tool, fostering dialogue between theory and practice in teacher education. Materialized in artifacts such as collective portfolios and classroom narratives, writing serves as a means for research and critical reflection. These practices enable program participants to reframe their experiences, investigate their pedagogical practices, and (re)construct knowledge about teaching. Research on these artifacts demonstrates the power of writing as a way of thinking, understanding, and, through this process, becoming a teacher.

Keywords: Teacher training; Narrative writing; Collective portfolio; Classroom narratives; Pibid.

Submetido em: 5/11/2024

Aceito em: 12/5/2025

Publicado em: 30/7/2025

¹ Universidade Federal do Rio Grande – Furg. Santo Antônio da Patrulha/RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-5483-1550>

² Universidade Federal do Rio Grande – Furg. Rio Grande/RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-0513-0018>

INTRODUÇÃO

As contribuições de Mario Osorio Marques, especialmente no que diz respeito à relação entre escrita e pesquisa, oferecem subsídios para (re)pensar práticas formativas alinhadas às demandas contemporâneas da educação. Este texto analisa como suas ideias fundamentam as ações formativas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) da Universidade Federal do Rio Grande (Furg), com ênfase na conexão entre escrita, pesquisa e desenvolvimento profissional de professores em comunidades aprendentes. Ao longo da discussão, argumenta-se pela centralidade do educar pela pesquisa, destacando a função epistêmica da leitura e da escrita e das experiências de sala de aula como prática formativa.

Compreendida como interlocução, a educação se realiza por meio de um diálogo de saberes que busca promover o entendimento compartilhado entre os integrantes de uma mesma comunidade (Marques, 2003). Nesse contexto, no Pibid da Furg a formação de professores é assumida como um processo acadêmico-profissional (Diniz-Pereira, 2008), contínuo e coletivo, que integra teoria e prática, envolvendo tanto professores em formação inicial quanto docentes experientes, em uma articulação entre escola e universidade.

Desde sua criação em 2007, o Pibid da Furg tem assumido essa perspectiva ao promover ações formativas que integram licenciandos, docentes da Educação Básica e professores universitários em atividades realizadas nos espaços escolares e acadêmicos. Com base em Marques (2003), compreende-se que essa formação exige uma ruptura com o imediato e com as rotinas cristalizadas, buscando alcançar a generalidade que sustenta as particularidades da prática educativa. Para o autor, isso envolve uma “suspensão das posturas e comportamentos de rotina” (p. 41), abrindo caminho para a reflexão crítica e criativa, essencial ao desenvolvimento profissional docente.

Seguindo esses entendimentos, o Pibid da Furg está organizado em seis grandes ações que articulam os subprojetos que constituem o programa nesta instituição, sendo estas: (1) participação e ambientação na escola-campo dos licenciandos bolsistas, acompanhados pelos docentes supervisores; (2) produção investigativa em rodas de formação semanais na universidade, com estudo e debate de experiências vividas nas escolas parceiras e de documentos e artigos que retratem metodologias e diferentes perspectivas do trabalho pedagógico; (3) rodas de formação da coordenação institucional junto aos coordenadores de área e professores supervisores; (4) oficinas didático-pedagógicas com temáticas interdisciplinares, ofertadas para estudantes dos cursos de Licenciatura e/ou estudantes das escolas; (5) realização de escrita individual e coletiva das experiências de imersão na sala de aula, da vivência escolar e demais atividades promovidas no Pibid; e, (6) socialização das experiências e aprendizagens de modo contínuo para a comunidade acadêmica e escolar.

Estas ações identificam o Pibid da Furg como uma comunidade, por meio das práticas compartilhadas de participação e cooperação no desenvolvimento de materiais didáticos e eventos, nos registros e produções investigativas nas rodas de formação

e nos processos de imersão na linguagem oral e escrita. Com base na perspectiva de Wenger (1999), assume-se o conceito de comunidade como princípio estruturante desse processo, entendendo-a como um coletivo de professores em formação que compartilha interesses, experiências e aprendizados, desenvolvendo investigações colaborativas pautadas nessas vivências. Deste modo, a interação entre professores em formação inicial e professores em exercício é considerada fundante nesse processo de desenvolvimento profissional com e pela pesquisa.

Nesse método, o ato de escrever, como destacado nas obras de Mario Osorio Marques, possibilita o enriquecimento tanto da teoria quanto da prática, realimentando-as mutuamente. Logo nas primeiras páginas da obra *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa* (Marques, 1997), que fundamenta as atividades do Pibid da Furg, o autor busca inspiração em Fernando Pessoa, especialmente na frase “navegar é preciso, viver não é preciso”. A poesia leva a pensar nos sentidos dado a “navegar” e “viver”. Navegar exige rigor e exatidão nas tomadas de decisão, necessárias para alcançar um destino planejado. Já viver, pelo contrário, significa estar imerso em incertezas e imprevisibilidades, mas é indispensável, necessário. Por um lado, o escrever é essencial, assim como viver; no entanto, é um processo em que não se sabe ao certo onde se vai chegar, distanciando-se da precisão da navegação.

A escrita das experiências de sala de aula no Pibid da Furg não apenas descreve e narra a prática docente, mas, também, contribui para sua compreensão e explicação, favorecendo a organização e o aprofundamento dos conhecimentos que emergem dessa interação contínua entre teoria, prática e reflexão. Com base nesses entendimentos, este texto analisa como esses conceitos se entrelaçam e configuram as experiências formativas acadêmico-profissionais no âmbito do Pibid da Furg.

Para isso, o texto está estruturado em quatro seções que articulam teoria e prática, evidenciando como os pensamentos de Mario Osorio Marques se manifestam nesse contexto. Inicialmente, apresenta-se a origem do entendimento, no Pibid da Furg, da escrita e do ato de escrever como princípio formativo de professores. Na sequência, discute-se a pesquisa dialógica, que também se fundamenta na escrita como eixo organizador das atividades do Programa. Por fim, abordam-se as contribuições das pesquisas realizadas sobre as escritas em portfólios coletivos e as narrativas das histórias de sala de aula, destacando seu papel nesse movimento formativo de professores.

A ORIGEM DA ESCRITA COMO PRINCÍPIO DE SE TORNAR PROFESSOR NO PIBID

A obra de Mario Osorio Marques é extensa e fundamental para a reflexão sobre a função da escrita na formação docente, no entanto, foi o livro *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa* (Marques, 1997) que se tornou um marco para a decisão de adotar a escrita como princípio formativo no Pibid da Furg. O livro, recém-lançado, exposto na escadaria que dava acesso à Biblioteca Central da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), chamou a atenção de uma professora ingressante no

Programa de Pós-Graduação em Educação naquela universidade em 1997. A leitura desse livro a conduziu a assumir o desafio de compreender que a pesquisa se inicia pela escrita (Galiuzzi, 2000). Mais do que isso, orientou um conjunto de atividades que se pautaram no escrever. Quando o autor aborda o início do escrever “não sobre o sabido, mas como uma forma de pensar sobre o que se está aprendendo” (Marques, 1997, p. 13), ele retira do ato de escrever o rigor e a precisão da obra terminada, tornando o escrever a inauguração do próprio pensar.

Esse modo de assumir a escrita já estava presente em outros processos formativos instaurados no Estado do Rio Grande do Sul, como o Encontro de Investigação da Escola (EIE), em que professores elaboram relatos para serem apresentados em rodas de formação, prática que vem sendo desenvolvida desde os anos 2000. Neste caso, a inspiração, embora se assemelhe à proposição de Mario Osorio Marques, já era praticada por um grupo de professores do Departamento de Didática das Ciências da Universidade de Sevilla, Espanha, membros do Grupo de Didática e Investigação na Escola (DIE) do projeto curricular Investigação e Renovação Escolar (Ires). Por seguidos cinco anos, a Universidade do Vale do Taquari (Univates) sediou os Encontros de Investigação na Escola (EIE) que, a partir de então, têm sido organizados em diferentes universidades do Rio Grande do Sul.

Nesse período, o princípio do escrever, inspirado especialmente em Marques (1997) e Wells (1999; 2001), fundamentava as ações de um projeto de formação de professores em rede, financiado pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). O projeto envolveu participantes de três universidades do Rio Grande do Sul: Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Universidade Federal do Rio Grande (Furg). Essa iniciativa resultou na produção de textos em rodas de formação, conforme documentado por Moraes e Mancuso (2004) e Galiuzzi *et al.* (2007, 2008).

Roque Moraes, um dos organizadores destes projetos, assim escreveu:

Em todo esse processo assume um papel central a linguagem, seja pela fala, seja pela escrita. O escrever e o falar constituem modos de aprender, além de possibilitarem a comunicação do aprendido. Aprende-se pela fala e pela escrita ao envolver-se em discussões, ao manifestar e defender pontos de vista, ao ouvir colegas procurando compreendê-los, ao produzir sínteses e expressando as próprias compreensões por escrito, em relatórios ou outras formas de comunicação. Em tudo isso o falar e o escrever se constituem modos de aprender e reconstruir conhecimentos (Moraes, 2004, p. 19).

Nos projetos, os participantes elaboravam textos baseados em suas pesquisas, compartilhavam versões pela internet e realizavam leituras por pares. Esses textos eram discutidos virtualmente e, posteriormente, em encontros presenciais realizados em uma das universidades participantes. Após essas discussões, os textos eram revisados para envio à publicação.

Durante as primeiras discussões sobre o Pibid, em 2007, e sua aprovação na Furg, essa abordagem formativa também já influenciava os estágios dos licenciandos em química. Essa experiência culminou em outra tese de Doutorado (Souza, 2011), que destacou os relatos dos licenciandos sobre suas vivências iniciais como professores ao ingressarem nas escolas durante os estágios. Inspirados pelo ato de escrever, os licenciandos redigiam textos sobre temas como professores inesquecíveis, atividades experimentais marcantes ou reflexões provocadas por questões como “Que raio de professor sou eu?” e sobre o primeiro dia de aula.

Nesses processos de formação docente, inspirados em Marques (1997) e outros autores, destacou-se também a influência do pesquisador e educador britânico Gordon Wells. Sua obra *Action, talk and text* (Wells, 2001) apresenta argumentos para a formação de professores que dialogam diretamente com as ideias de Marques (1997), como indicado pelo título do livro. Essa influência foi decisiva para a inserção do escrever no projeto do Pibid da Furg. Em uma dinâmica colaborativa, textos eram produzidos em rede, discutidos em rodas virtuais e presenciais, com leituras e revisões realizadas entre pares. Como afirma Marques (1997, p. 16), ao justificar o título de sua obra e aprofundar essa perspectiva,

Escrever é preciso e nisso está o contraponto do dito português, “viver não é preciso”, porque viver é entender-se consigo mesmo, dizendo-se a si ao dizer a outrem na fala do face-a-face, ou melhor, na fala-escuta, ou no dizer-se à folha em branco. Viver sem saber não é viver. Entender as razões do apelo a essa segunda forma de reconciliar-se consigo mesmo, a do escrever, é assunto para posterior análise mais profunda.

Foi nesse contexto que surgiram, no Pibid da Furg, os portfólios coletivos, onde eram registrados semanalmente relatos sobre as atividades desenvolvidas na escola e na universidade. Essa prática resultou na produção de mais de uma centena de portfólios escritos em papel, que ainda permanecem como um significativo artefato pedagógico. Além disso, nos diferentes editais, mantém-se a proposta de escrever histórias de sala de aula, uma narrativa mensal que originou os *Álbuns de histórias* do Pibid da Furg³ (Galiuzzi; Paulitsh, 2011, 2013 ; Galiuzzi; Colares; Paulitsch, 2014, 2015; Maio; Beck; Pereira, 2017; Pereira, 2022 ; Dorneles *et al.*, 2023; Guidotti *et al.*, 2024).

O APRENDER A SER PROFESSOR EM COMUNIDADE COMO UM MOVIMENTO DE INDAGAÇÃO DIALÓGICA

Ao longo da história do Pibid da Furg, foi construído o entendimento de que o processo de aprender a ser professor é um movimento contínuo de indagação de experiências conectadas à própria prática educacional, acompanhada pela construção de argumento. Nesse sentido, o desenvolvimento profissional assume um caráter processual, marcado pela investigação das condições do exercício da docência, bem

³ Disponíveis em <https://profissaoprofessor.furg.br/programas/pibid/publicacoes>.

como, pela oportunidade de questionar as práticas em andamento e refletir sobre os rumos a serem seguidos.

No desenrolar desse processo formativo, eminentemente investigativo do ser professor, há um envolvimento intenso com a linguagem, com ênfase especial na escrita e na fala. Nesse ínterim, professores em formação são dirigidos a seu campo de atuação profissional, “não com o intuito de neles atuar para modificar algo, mas impulsionados pela necessidade de melhor conhecê-los, de buscar respostas às suas indagações sobre eles e de testar suas hipóteses” (Marques, 2003, p. 95).

Com isso, o aprender a ser professor, nesse contexto, ocorre com e a partir da análise da própria experiência. A cultura predominante nos cursos de formação de professores é a de construir a teoria, com base na antecipação das práticas futuras. No cenário formativo oportunizado pelo Pibid, contudo, as práticas se antecipam à teoria, o que exige uma compreensão mais profunda para que possam ser mais bem compreendidas.

No Pibid da Furg, esse processo ganha forma por meio da produção investigativa promovida nas rodas de formação semanais realizadas na universidade. Isso significa que o conhecimento profissional é (re)construído socialmente mediante registros, diálogos e esforços colaborativos direcionados a objetivos compartilhados entre professores em formação. O aprender a ser professor, em um processo de idas e vindas nas rodas de formação, com o estudo e o debate de experiências vividas, juntamente com a teorização dessas experiências, é um processo que, necessariamente, é coletivo, e, por isso, fundamentado no diálogo. Esses entendimentos estão ancorados nos estudos de comunidades aprendentes de autores como Wenger (1999), Wells (2001), Brandão (2005), Galiuzzi e Moraes (2023).

Dessa forma, ao longo da história do Pibid da Furg, entende-se que o programa se configura como uma comunidade, composta por comunidades menores, chamadas, conforme portaria estabelecida pela Capes, de subprojetos. Cada uma dessas comunidades tem suas características específicas, resguardadas em suas respectivas áreas do conhecimento; no entanto, todas estão interligadas, como uma rede de formação, por meio das ações institucionais, que, predominantemente, são estruturadas através da escrita de experiências de sala de aula.

Nesse contexto, as comunidades aprendentes que constituem a comunidade do Pibid da Furg permitem que os participantes, ao desenvolverem investigações permanentes de suas próprias experiências educativas, aprendam e aperfeiçoem ações didático-pedagógicas. A partir de Marques (2003), reconhece-se que é dos saberes percebidos como insuficientes e limitados que emerge o desejo de conhecer mais e melhor.

Deste modo, os professores se envolvem em um movimento de reflexão permanente da e sobre a prática profissional, que é aprofundada quando associada a leituras e à discussão no interior das comunidades. Isso implica assumir a aula de um professor como uma produção efetiva para se pensar a formação. Nesse sentido, a

escrita dessa sala de aula permite torná-la pública e foco de atenção da comunidade, ampliando as possibilidades de análise e aperfeiçoamento coletivo.

Com isso, a formação acadêmica-profissional (Diniz-Pereira, 2008) de professores desenvolvida no Pibid da Furg constitui-se em um movimento investigativo, pautado na indagação e no diálogo coletivo de ampliação de compreensões. Esse argumento identifica as comunidades aprendentes como uma abordagem formativa horizontal, em que os professores se engajam em atividades coletivas e transformam suas práticas, ao mesmo tempo que transformam sua relação com a comunidade e na comunidade (Wells, 2001).

Apesar de, muitas vezes, encontrarmos na literatura os termos comunidade aprendente e comunidade de prática como sinônimos, Wenger (1999) pontua o primeiro conceito como uma extensão do segundo, no qual os participantes estão engajados em um processo contínuo de aprendizagem e colaboração mútua. Complementar a isso, segundo Brandão (2005), uma comunidade aprendente aprende também a ser comunidade enquanto aprende a fazer o que faz. A partir do que sugerem esses autores, apesar de as comunidades possuírem um núcleo forte de atividade, é nas interações entre as atividades consideradas centrais e as periféricas que uma comunidade prática pode procurar por objetivos ainda não alcançados e, com isso, se tornar comunidade aprendente.

A negociação de significados dentro das comunidades do Pibid da Furg revela-se um aspecto essencial para a formação de professores. Nesse contexto, os professores em formação não apenas aprendem novos pressupostos teóricos, mas, também, desenvolvem currículos e práticas pedagógicas de forma colaborativa. Nesse sentido, a escrita de experiências desde a sala de aula, dentro das comunidades aprendentes, se mostra como um processo coletivo de autoformação crítica do ser professor (Guidotti, 2019).

UMA HISTÓRIA EXEMPLAR ENTRE TANTAS A CONTAR: OS ÁLBUNS DE HISTÓRIAS DO PIBID

As contribuições de Mario Osorio Marques, especialmente as apresentadas em seu livro *Escrever é preciso*, inspiraram o coletivo de professores da Furg a compreender melhor a função epistêmica da escrita no processo formativo de professores. Com base nessas ideias, o grupo passou a assimilar a escrita narrativa como um dispositivo de formação acadêmica-profissional, que possibilita a investigação, o registro e a partilha das experiências vividas pela comunidade, tanto na escola quanto na universidade.

Com isso, narrar histórias nas rodas de formação é uma ação central do Pibid da Furg. Nesse contexto, o ato de narrar oportuniza que as comunidades aprendentes se configurem como espaços de aprendizagem para todos os participantes. Dialogando com Warschauer (2001), quando o professor em formação narra sua experiência e a compartilha na roda, ele re-significa essa vivência para si, enquanto o outro se torna um interlocutor potencialmente aprendente nesse processo. A partilha, por sua própria natureza, carrega em si o pressuposto de aprendizado mútuo; em outras palavras, é a construção coletiva de significados da docência.

No Pibid, a partilha de narrativas de histórias de sala de aula se efetua tanto pela oralidade, por meio do conversar, quanto pela escrita, mediante os registros do vivido. A conversa nas rodas de formação, além de possibilitar a partilha das narrativas, oportuniza o aprendizado da convivência e o exercício do falar, do argumentar, da escuta, da indagação mútua e da reflexão conjunta, entre outros aspectos essenciais para o desenvolvimento humano.

A partilha também acontece por meio da escrita de textos narrativos das experiências, denominadas no Pibid de histórias de sala de aula, narradas mensalmente pelos participantes das comunidades no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), espaço dedicado ao registro das atividades do Pibid. Nele, os participantes compartilham mensalmente um texto narrativo no “Diário de Histórias de Sala de Aula” e dialogam com as narrativas dos colegas. Com isso, o desenvolvimento profissional do professor é compreendido como um processo crítico e reflexivo sobre as experiências de sala de aula e potencializado pelo ato de escrever. Essa prática requer a revisão e a resignificação do pensamento, possibilitando uma melhor organização das ideias, em contraste com a espontaneidade da comunicação oral.

Esse processo envolve o exercício de refletir e registrar como a história do outro provoca pensamentos e inspira novas perspectivas. Assim, a escrita das experiências de sala de aula deixa de ser apenas um relato ou descrição do vivido, transformando-se em registros destinados à leitura e discussão, configurando-se como uma ação de pesquisa-formação, em que os participantes aprendem enquanto analisam e teorizam as suas experiências. Nessa perspectiva, a linguagem escrita dos professores em formação na comunidade é mediadora do processo de investigação das experiências comunicadas, uma vez que é por intermédio dela que emergem os sentidos e a ampliação dos significados.

A construção da autoria é um processo que se desenvolve a partir da apropriação das vivências e reflexões. Como afirma Warschauer (2017),

Apropriar-se das experiências vividas através da escrita, transmitindo-as a outros, evocando argumentações e emoções, favorece portanto a construção da autoria, isto é, da autoridade sobre si. Essa autoria é construída no presente, seja em relação a um passado próximo ou distante, como ocorre em trabalhos que não apenas analisam a prática profissional atual, mas também exploram a biografia educativa do autor” (p. 232).

Além da partilha que ocorre em razão das conversas nas rodas de formação e da escrita de textos narrativos, os participantes do Pibid também são convidados a compartilhar uma das suas histórias produzidas ao longo de sua atuação no programa, publicando-a para uma comunidade ampliada no “Álbum de Histórias do Pibid”. Ao se publicizar as histórias de sala de aula, elas são assumidas como obras pedagógicas com possibilidades de serem apreciadas, lidas, conversadas e resignificadas em diferentes contextos formativos (Dorneles; Suárez, 2023). Nesse sentido, a história de sala de aula, apresentada no Quadro 1, a seguir, exhibe a experiência de uma professora de História em formação inicial no subprojeto interdisciplinar História-Geografia do Pibid (Edital 23/2022).

Quadro 1 – História publicada no “Álbum de Histórias do Pibid-Furg 9”

“Entrevista Comigo Mesma”

Não me imagino criando sentido para a graduação em licenciatura sem a formação prática e experiência que o PIBID proporciona. Descobri no chão da sala de aula que o almejo de trabalhar com uma educação descolonizadora é possível na prática, um “inédito viável”, como disse Paulo Freire.

Em uma aula, passamos a música “14 de maio”, do Lazzo Matumbi, para evidenciar a falta de assistência e políticas de reparação no período pós-abolição. Colocamos o vídeo do cantor interpretando a música no Congresso, na entrega da comenda Abdias Nascimento. O som estava alto, e a voz forte de Lazzo Matumbi, cantada à capela e ecoando pela sala, proporcionou uma atmosfera igualmente forte.

A música acabou.

Então, ouvimos um murmúrio dos alunos: “A Carol está chorando! A Carol está chorando!”. Vimos, então, que a aluna Carol chorava, emocionada com a música. Dei um abraço nela, e ela saiu para tomar água.

A aula seguiu.

Com Nêgo Bispo discutimos as ações de resistência que sempre existiram pois, como diz o Mestre quilombola, “saiu o primeiro navio negreiro [da África], eis o primeiro quilombo”; Djamilá Ribeiro evidenciou-nos a ínfima distância de três gerações que possui com a escravidão, e a política de branqueamento da população posta em voga no país e, com Emicida, debatemos sobre as heranças carregadas hoje no racismo assassino vivenciado, no Brasil.

E, se Luiz Rufino diz que a educação “precisa ser versada no encanto”, quem se encantou fomos nós com a criticidade de uma turma de 7º ano, nas discussões surgidas. Os alunos praticantes de religiões de matriz africana compartilharam suas experiências na religião, enquanto outros relataram episódios de racismo. No fim da aula, sobrou um tempinho, e logo eles pediram: coloca “Canção Infantil!”, coloca “Baco Exu do Blues!”, e a aula termina com a gente ouvindo e trocando ideias sobre vários *raps*.

Na aula seguinte, a professora levou o livro “Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis”. Fizemos uma aula diferente, lendo cordéis do livro, e a professora explicou o trabalho do trimestre: os alunos fariam uma pesquisa ou entrevista com uma pessoa negra importante para eles e escreveriam um cordel sobre ela. Logo, começaram as exclamações “Vou fazer sobre a minha mãe!”, “Vou fazer sobre meu amigo!”.

Chegou o dia deles escreverem os cordéis.

Entre cordéis do Mano Brown, Carolina Maria de Jesus e Machado de Assis, passamos pelas mesas, ajudando nas rimas. Cheguei, então, na Carol, que pedia ajuda para continuar seu cordel. Perguntei “sobre quem fiz a entrevista?”, e ela me mostrou a página do seu caderno, que tinha um título grande que dizia “Entrevista Comigo Mesma”. A pessoa negra importante para a Carol, que ela escolheu, foi ela mesma!

E, simplesmente assim, todas as teorias e os autores decoloniais encontraram-se na prática, naquele ato. Fanon denunciou o “auto-ódio” que a sociedade infere nas pessoas negras, Lélia Gonzalez evidenciou o peso das interseccionalidades e Luiz Rufino alertou que a descolonização “é, sobretudo, uma questão de cura”. E, a Carol entendeu tudo isso, sem precisar se prender à necessidade de conceitualização, criticada por Nêgo Bispo. Ela venceu a demanda da colonização.

Sempre tive, durante a minha caminhada pela educação básica, professores que me formaram, a quem eu devo quem eu sou hoje. Mas, vou aprendendo a reconhecer, também, os alunos que vão me constituindo, com quem aprendo muito mais que ensino; com quem entro em contato com a minha subjetividade e crio sentido para os mais simples e surpreendentes atos – sei lá, talvez eu esteja lendo muito Rufino. Porém, sei que a Carol é uma dessas alunas. Foi ela quem plantou em mim o “Esperançar”, de Paulo Freire, não o inverso.

Fonte: Conceição (2024).

A aposta é na escrita narrativa sobre sua sala de aula e o ser professor. Desse modo, a escrita de histórias é compreendida de um modo mais amplo, sendo um artefato para pensar e falar da docência em diferentes instituições, modalidades e níveis de ensino. Aprende-se a ser professor ao narrar os acontecimentos e experiências, resultando em um processo reflexivo sobre a própria formação, e esta promove a função epistêmica da escrita na formação docente. Nesses processos de narrar e contar histórias de experiências formativas, as representações do conhecimento são construídas, modificadas e reconstruídas.

Como é possível observar na história produzida por Conceição (2024), que apresenta a experiência de uma professora de História em formação que, ao compartilhar uma aula no contexto do Pibid, se depara com uma poderosa manifestação de conscientização e resistência por parte de seus alunos. A história destaca o processo de aprendizagem que vai além da teoria acadêmica, conectando os alunos à história e à identidade negra de maneira prática e emocional. A estudante da Educação Básica Carol, ao escrever um cordel sobre “Entrevista Comigo Mesma”, simboliza a superação do “auto-ódio” imposto pela sociedade e a vivência de um processo de descolonização da própria identidade.

Outro entendimento relaciona-se ao fato de que as experiências não podem ser classificáveis e identificáveis dentro dos padrões hegemônicos, pois as histórias socializadas nos álbuns do Pibid assumem diversos formatos. São narrativas em forma de poemas, relatos e contos, e, independente do formato, elas discorrem acerca de eventos e experiências experimentadas pelos professores em formação inicial. São histórias de autoria individual ou coletiva, mas todas são resultantes de um intenso movimento dialógico.

Cada um que participa desse processo formativo sabe como foi longo o percurso de chegar a ler sua história no álbum. Devido às limitações de espaço e recursos, contudo, nem todas as histórias produzidas podem ser incluídas nestas produções, evidenciando a potencialidade para a criação de muitos outros álbuns das edições do Pibid na Furg.

O REGISTRO EM PORTFÓLIO COLETIVO COMO DISPOSITIVO NA FORMAÇÃO ACADÊMICO-PROFISSIONAL PELA ESCRITA

No Pibid da Furg, a escrita da própria experiência é incentivada, tanto nos diários individuais registrados no Ambiente Virtual de Aprendizagem quanto nos portfólios coletivos. Esses portfólios, construídos em colaboração entre professor supervisor e os licenciandos do grupo de trabalho, vão além de registros de acontecimentos e atividades. Eles mostram o que cada participante escolheu registrar em determinados momentos, refletindo a identidade coletiva de um grupo de professores em formação.

Os registros nos portfólios são realizados semanalmente, organizados em formato físico, e circulam entre os participantes das comunidades durante as rodas de formação. O registro no portfólio possibilita observar a historicidade do processo formativo acadêmico-profissional dessas comunidades, pois ilumina a trajetória e contribui para a criação do novo a partir do velho (Warschauer, 2017).

O sentido atribuído ao portfólio coletivo é que ele enriquece a relação entre teoria e prática, realimentando uma à outra. Além de sistematizar a realidade posta, o portfólio coletivo possibilita sua investigação de forma compartilhada, tematizando as práticas como processos em construção. Por meio desse movimento, fomenta a formulação de perguntas que objetivam teorizar sobre as práticas realizadas, promovendo reflexões sobre o fazer pedagógico (Marques, 2008).

O escrever, como dispositivo de formação acadêmica-profissional de professores, também inspirou o curso de Especialização intitulado *Narrativas na docência*, desenvolvido entre os anos 2011 e 2014, numa iniciativa voltada para professores supervisores do Pibid. Por meio de rodas de formação em rede e da produção de documentações narrativas, o referido curso consolidou a escrita como um eixo estruturante no aprofundamento das práticas pedagógicas e no fortalecimento da identidade profissional dos cursistas.

O curso pautou-se por objetivos específicos em torno de potencializar discussões para conduzir a reflexão dos processos de constituição da professoralidade; explorar alternativas teórico-práticas para a compreensão da sala de aula; proporcionar trocas de experiências sobre a sala de aula da rede básica de educação; constituir rodas de formação em rede de professores que fazem documentação narrativa da docência, para discutir a formação de professores. No sentido de efetivar os princípios do educar pela pesquisa (Galiuzzi, 2000, 2004b), cuja ênfase é a escrita e a leitura recursiva, o curso foi organizado de forma que os conhecimentos específicos teórico-práticos e gerais estivessem articulados tanto nos encontros presenciais quanto nas interações a distância.

Transcreve-se no Quadro 2, a seguir, o registro feito em um dos portfólios produzidos por Denise Seixas Cruz, professora supervisora de Geografia, que é parte do artigo exigido para a finalização do Curso de Especialização (Cruz; Cousin, 2016, p. 120):

Quadro 2 – Escrita no portfólio (30/9/2011)

A mudança do portfólio

Quase não reconheci o meu amigo portfólio. Está muito diferente daquele gélido caderno do dia sete de julho de 2011. Agora, ao manuseá-lo, consigo sentir o calor humano, a partir de cada letra escrita com o coração.

É interessante que esse instrumento de estudo, de trabalho, se assim posso denominá-lo, é um cúmplice das nossas práticas pedagógicas e metodológicas. Através dele dialogamos, questionamos, argumentamos, desabafamos, reivindicamos, refletimos, analisamos... sobre a ação. Além de ser o elo, o mediador entre todos os pibidianos da Escola Lília Neves.

Ao ler cada produção textual, percebo que, aos poucos, o caderno vai criando, constituindo a sua própria identidade enquanto grupo. Por isso, precisamos continuar compartilhando, socializando e escrevendo cada página da nossa história coletiva, seja na roda de conversa das quintas-feiras ou na sala de aula, como um desafio, uma oportunidade de aprendizagem.

Dessa forma, estamos unindo ideias, trabalhos, saberes e colocando em prática na construção do conhecimento. Como diz Geraldo Vandré, na música “Pra não dizer que não falei das flores”:

Caminhando e cantando

E seguindo a canção

Somos todos iguais

Braços dados ou não

Nas escola, nas ruas

Campos, construções

Caminhando e cantando

E seguindo a canção

Vem, vamos embora

Que esperar não é saber

Quem sabe faz a hora

Não espera acontecer...

E seguindo a canção

Aprendendo e ensinando

Uma nova lição...

Fonte: Retirado de portfólio do subprojeto Geografia (2011 – 2014).

Dessa forma, o registro em portfólio coletivo não apenas sistematiza a prática, mas, também, se torna um dispositivo na formação acadêmico-profissional dos professores. E, não apenas documenta, mas ilumina a trajetória formativa, permitindo que os participantes da comunidade construam e compartilhem saberes, promovendo reflexões sobre a prática pedagógica e fortalecendo a identidade profissional.

Como demonstrado na escrita de Denise Seixas Cruz no portfólio (Quadro 2), o portfólio coletivo se revela como um instrumento de estudo que vai além da simples documentação. A mudança perceptível entre o caderno inicial e a versão final reflete o envolvimento do coletivo, a síntese de diálogos e os questionamentos e reflexões coletivas que permeiam as práticas pedagógicas. Cada entrada no portfólio não é somente uma anotação, mas um marco na construção da identidade coletiva do grupo, unindo as vozes e as experiências dos participantes. Assim, o portfólio registra e se transforma em um espaço-tempo de construção e socialização de conhecimento, como ilustrado pela analogia com a música de Geraldo Vandré: caminhando juntos, aprendendo e ensinando uma nova lição.

A PESQUISA SOBRE O ESCREVER NO PIBID DA FURG: AS HISTÓRIAS DE SALA DE AULA E OS PORTFÓLIOS COLETIVOS

No Pibid da Furg a escrita, enquanto dispositivo formativo, tem sido objeto de numerosas pesquisas. Nesta seção, citamos três que focaram principalmente as escritas nos portfólios coletivos e nas histórias, resultando em artigos, dissertações e teses.

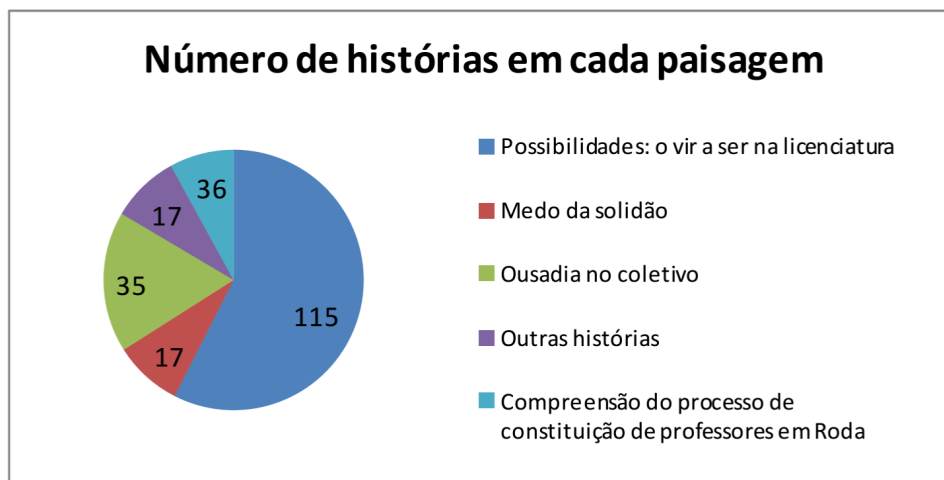
Albuquerque e Galiuzzi (2014) argumentaram que a escrita no portfólio coletivo possibilitou o desenvolvimento do trabalho em grupo, a partilha de ideias e, principalmente, a construção da responsabilidade de cada participante nessa produção coletiva. Foi, segundo as autoras, uma possibilidade de formação em grupo que dependia do compromisso de cada participante que, no portfólio, escreveu, leu e voltou a escrever em momentos posteriores.

As histórias escritas dos participantes do Pibid da Química da Furg também foram analisadas. Albuquerque (2012), em sua tese de Doutorado, examinou histórias mensais escritas por 11 licenciandos do Pibid da Química nos anos de 2009 e 2010. Nesta pesquisa, a escrita foi abordada como um modo de pensar, conforme argumenta a autora:

Entendendo a escrita com uma visão interacionista, compreende-se que ao escrever nunca se está sozinho. O momento da escrita é também o momento da presença de um outro e, mesmo que ele não esteja presente no momento individual da produção do texto, quem escreve tem sempre ele à espreita. Quem escreve, escreve sempre para alguém mesmo que esse alguém nunca leia. Mesmo escrevendo um diário estamos revelando algo para alguém. A folha de papel torna-se confidente no ato da escrita. O ato de escrever faz com que quem escreve escreva de si coisas que jamais saberia se não as confiasse à folha muda (Albuquerque, 2012, p. 28).

A análise de 214 histórias revelou paisagens que a autora denominou de “Possibilidades”: o vir a ser na Licenciatura; Medo da solidão e Ousadia no coletivo; Compreensão do processo de constituição de professores em Roda (Figura 1).

Figura 1 – Gráfico do nº de histórias presentes em cada paisagem



Fonte: Albuquerque (2012, p. 59).

As histórias de professoras da Educação Básica participantes do Pibid da Química também foram analisadas por Dorneles (2011). A autora destacou a potência da escrita narrativa nas Rodas de Formação, visto que o grupo se sentiu pertencente a esse espaço, podendo compartilhar suas experiências e vivências da prática docente por meio da escrita de histórias de sala de aula. Foi possível, nesta pesquisa, perceber as cenas narradas, os agentes envolvidos e os atos que fizeram parte das tramas narradas sobre cada sala de aula.

A escrita nos portfólios coletivos foi o tema da tese de Antiqueria (2018), que buscou compreender a linguagem escrita nos portfólios da matemática. A autora, apoiando-se em Marques (2011), defendeu a tese de que a prática da linguagem escrita no espaço do Pibid/Matemática da Furg é um artefato de aprendizagens que potencializa processos interativos e coletivos, implicando no constituir-se docente e influenciando no modo de escrever e de pensar de professores de matemática em formação acadêmico-profissional (Antiqueira, 2018, p. 198).

Mais recentemente, iniciou-se uma pesquisa para responder à questão fenomenológica: “O que é isso que se mostra nos portfólios coletivos da matemática do Pibid da Furg?”. A pesquisa teve início com um mapeamento bibliográfico de 209 documentos sobre portfólios na formação de professores, analisando artigos de revistas brasileiras *on-line* com Qualis A e B, além de revistas com revisão por pares em língua espanhola e em língua inglesa no Portal Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes –, abrangendo o período de 1988 a 2020 (Antiqueira; Pereira; Galiuzzi, 2024). O objetivo deste texto foi

Compreender o uso de portfólios reflexivos na formação de professores. Para a metodologia foi utilizada a Análise Textual Discursiva em uma abordagem fenomenológica hermenêutica. De cada categoria foram apresentadas sínteses exemplares. A seguir trazemos argumentos críticos presentes na literatura sobre o movimento do professor reflexivo como conceito estruturante da formação de professores. Argumentamos, ao final, que, caso sejam adotados portfólios reflexivos, seja esclareci-

da a teoria em que se situa a reflexão. A nosso ver, os portfólios reflexivos valerão o esforço caso estejam vinculados a ações pedagógicas cujas reflexões venham a fortalecer lutas por uma educação pública emancipatória. Sustentamos a necessidade de incluir nas ações pedagógicas da formação de professores temáticas referentes à valorização da nossa profissão (Antiqueira; Pereira; Galiuzzi, 2024, p. 1).

Na sequência, foi realizada uma pesquisa empírica com nove portfólios, cada um de uma escola e de uma Licenciatura. Mediante a Análise Textual Discursiva (ATD), proposta por Moraes e Galiuzzi (2016), o resultado foi a descoberta de um conjunto de artigos, alguns já publicados (Antiqueira *et al.*, 2023a, 2023b). Marques (1997), nesta direção, fundamenta estas pesquisas ao salientar que a escrita é uma interlocução de muitas vozes e uma reconstrução de novos saberes a partir de saberes anteriores. Os saberes de cada interlocutor e os de quem escreve se reformulam, ao se fundirem e se transformarem pela prática da escrita.

A pesquisa sobre o escrever no Pibid da Furg, centrada nas histórias de sala de aula e nos portfólios coletivos, destaca a função epistêmica da escrita como dispositivo formativo. As análises realizadas por Albuquerque (2012), Dorneles (2012) e Antiqueira (2018) sublinham a escrita como uma prática de interação coletiva, que promove o desenvolvimento pessoal dos participantes e fortalece o trabalho em grupo e o compromisso colaborativo. As narrativas e os portfólios coletivos não apenas refletem sobre a prática pedagógica, mas também se configuram como espaços-tempo para a construção de uma identidade docente.

CONCLUSÕES NUNCA CONCLUSIVAS, PARA NOVOS HORIZONTES DO PIBID DA FURG

As contribuições de Mario Osorio Marques ao Pibid da Furg revelam a centralidade do escrever como dispositivo formativo no processo de desenvolvimento profissional de professores. Ao enfatizar a escrita como prática epistemológica, Marques propõe um caminho no qual a formação de professores se constitui a partir da relação dialógica entre teoria e prática. Nesse movimento, o ato de escrever transcende a mera descrição, e passa a ser compreendido como uma ferramenta de pesquisa, que impulsiona a reflexão crítica acerca da profissão docente e sobre os desafios e possibilidades que emergem no cotidiano escolar.

Ao assumir o escrever como princípio formativo, o Pibid da Furg materializa as ideias de Marques, criando oportunidades para que a prática docente seja continuamente interrogada, registrada e compartilhada. Nesse contexto, a escrita se configura como um espaço para a construção e reconstrução do conhecimento, favorecendo a compreensão das experiências vividas.

Nas atividades do Programa, a escrita assume um papel estruturante por meio de artefatos pedagógicos, como os portfólios coletivos e as histórias de sala de aula. Esses dispositivos formativos possibilitam que os professores em formação (re) signifiquem suas experiências, transformando-as em objetos de investigação e reflexão. Por meio da escrita, os participantes do Pibid comunicam conhecimentos e encontram

oportunidades para refletir criticamente e coletivamente sobre suas práticas, investigar suas experiências e teorizar e, assim, ampliar compreensões acerca do ser professor e dos desafios que permeiam a docência.

Por fim, a escrita no Pibid, especialmente aquela voltada para as experiências de sala de aula, revela-se como um modo de fazer pesquisa e, simultaneamente, um dispositivo formativo. Ao se apropriar das experiências vividas por meio da escrita e compartilhá-las com outros, o Programa materializa as contribuições de Mario Osorio Marques, consolidando a escrita como prática reflexiva e colaborativa nas atividades que constituem o Pibid da Furg.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Fernanda. *Histórias de sala de aula nas rodas de formação de professores de química: potência para a formação acadêmico-profissional*. 2012. 110 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2012.
- ALBUQUERQUE, Fernanda Medeiros de; GALIAZZI, Maria do Carmo. Contribuições ao currículo da Licenciatura a partir de histórias de sala de aula: o Pibid de Química da Furg. *Química Nova na Escola*, v. 36, n. 2, p. 135-143, 2014.
- ALVES, Rubem. *Ao professor, com carinho: a arte do pensar e do afeto*. São Paulo-SP: Planeta Estratégia, 2021.
- ANTIQUERA, Liliâne Silva de. *O aprender com e sobre a linguagem escrita no Pibid matemática: sentidos construídos pelos professores de Matemática em formação acadêmico-profissional*. 2018. 230 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2018.
- ANTIQUERA, Liliâne Silva de; PEREIRA, Elaine Corrêa; MACHADO, Celiane Costa; GALIAZZI, Maria do Carmo. Portfólios como artefato das redes de formação de professores: análise de artigos acadêmicos. *Revista Pesquisa Qualitativa*, v. 11, n. 27, p. 496-515, 2023a. Disponível em: <https://doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.27.571>.
- ANTIQUERA, Liliâne Silva de; PEREIRA, Elaine Corrêa; GALIAZZI, Maria do Carmo. Pesquisas sobre portfólios reflexivos na formação de professores: contribuições e críticas. *Revista Contexto & Educação*, v. 39, n. 121, e12705, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2024.121.12705>.
- ANTIQUERA, Liliâne Silva de; PEREIRA, Elaine Corrêa; GALIAZZI, Maria do Carmo. Pesquisas sobre portfólios de avaliação na formação de professores. *Estudos em Avaliação Educacional*, São Paulo, v. 32, e08575, 2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-68312021000100222&lng=pt&nrm=iso.
- ANTIQUERA, Liliâne Silva de; PEREIRA, Elaine Corrêa; GALIAZZI, Maria do Carmo. Apostas formativas de portfólios coletivos em diálogo com a pesquisa científica. *Educação em Revista*, v. 39, e35858, 2023b. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-469835858>.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005, p. 83-92. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/encontros.pdf. Acesso em: 13 dez. 2024.
- COLARES, Ioni Gonçalves; GALIAZZI, Maria do Carmo; PAULITSCH, Vivian; GALIAZZI (org.). *Álbum do Pibid Furg 3*. Rio Grande: Editora da Furg, 2014.
- COLARES, Ioni Gonçalves; PAULITSCH, Vivian; GALIAZZI, Maria do Carmo (org.). *Álbum do Pibid Furg 5*. Rio Grande: Editora da Furg, 2016.
- CONCEIÇÃO, Gabriela. Entrevista comigo mesma. In: GUIDOTTI, Charles et al. (org.). *Álbum do Pibid Furg 9*. Porto Alegre: Casalettras; Rio Grande: Furg, 2024. E-book. Disponível em: <https://profissaoprofessor.furg.br/arquivos/Albuns/>. Acesso em: 3 jan. 2025.

CRUZ, Denise Seixas; COUSIN, Cláudia da Silva. Vivências e contextualizações nas partilhas e nas rodas de formação de Geografia. In: GALIAZZI, Maria do Carmo; COLARES, Ioni Gonçalves; PAULITSCH, Vivian da Silva (org.). *Narrativas na docência: a formação acadêmico-profissional em exercício*. Rio Grande: Editora da Furg, 2016. p. 99-137.

DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. A formação acadêmico-profissional: compartilhando responsabilidades entre universidades e escolas. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 14., 2008, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: ENDIPE – Trajetórias e processos de ensinar e aprender: didática e formação de professores, v. 1, p. 253-267, 2008.

DORNELES, Aline Machado. *A roda dos bordados da formação: o que bordam as professoras de química nas histórias de sala de aula*. 2011. 109 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, 2011.

DORNELES, Aline Machado; SUÁREZ, Daniel. Documentação narrativa de experiências pedagógicas na formação docente em redes. *Horizontes*, v. 41, n. 1, 2023.

DORNELES, Aline Machado et al. *Álbum do Pibid Furg 8*. Rio Grande: Editora da Furg, 2023.

GALIAZZI, Maria do Carmo. *Educar pela pesquisa: espaço de transformação e avanço na formação de professores de Ciências*. 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

GALIAZZI, Maria do Carmo. *Educar pela pesquisa: ambiente de formação de professores de Ciências*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, 2004a.

GALIAZZI, Maria do Carmo. *Educar pela pesquisa: ambiente de formação de professores*. Ijuí: Editora Unijuí, 2004b.

GALIAZZI, Maria do Carmo et al. *Construção curricular em rede na educação em ciências: uma aposta de pesquisa na sala de aula*. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

GALIAZZI, Maria do Carmo et al. *Aprender em rede na educação em ciências*. Ijuí: Editora Unijuí, 2008.

GALIAZZI, Maria do Carmo; PAULITSCH, Vivian. *Álbum do Pibid Furg*. Rio Grande: Editora da Furg, 2011.

GALIAZZI, Maria do Carmo; COLARES, Ioni Gonçalves; PAULITSCH, Vivian. *Álbum do Pibid Furg 4*. Rio Grande: Editora da Furg, 2015.

GALIAZZI, Maria do Carmo; MORAES, Roque. Comunidades Aprendentes de professores: uma proposta de formação no Pibid-Furg. In: GALIAZZI, Maria do Carmo; COLARES, Ioni Gonçalves (org.). *Comunidades aprendentes de professores*. Ijuí: Editora Unijuí, 2023. p. 259-275.

GUIDOTTI, Charles dos Santos. *A investigação desde a sala de aula de ciências: processo de autoformação com aperfeiçoamento teórico-prático de professores no Cirandar*. 2019. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, 2019.

GUIDOTTI, Charles et al. (org.). *Álbum do Pibid Furg 9*. Porto Alegre: Casalettras; Rio Grande: Furg, 2024. E-book. Disponível em: <https://profissaoprofessor.furg.br/arquivos/Albuns/>. Acesso em: 3 jan. 2025.

MAIO, Ana Zeferina Ferreria; BECK, Dinah Quesada; PEREIRA, Elaine Corrêa (org.). *Álbum do Pibid Furg 6*. Rio Grande: Editora da Furg, 2017.

MARQUES, Mario Osorio. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. Ijuí: Editora Unijuí, 1997.

MARQUES, Mario Osorio. *Formação do profissional da educação*. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

MARQUES, Mario Osorio. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MARQUES, Mario Osorio. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. *Análise textual discursiva*. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2016.

MORAES, Roque; MANCUSO, Ronaldo (org.). *Educação em ciências: produção de currículos e formação de professores*. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.

PAULITSCH, Vivian; GALIAZZI, Maria do Carmo; COLARES, Ioni Gonçalves. *Álbum do Pibid Furg 2*. Rio Grande: Editora da Furg, 2013.

PEREIRA, Elaine Corrêa (org.). *Álbum do Pibid Furg 7*. Rio Grande: Editora da Furg, 2021.

SOUZA, Moacir Langoni de. *Histórias de professores de química em rodas de formação em rede*. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.

WARSCHAUER, Cecília. *Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

WELLS, Gordon. *Dialogic inquiry: toward a sociocultural practice and theory of Education*. New York: Cambridge University Press, 1999.

WELLS, Gordon. *Action, talk and text: learning and teaching through inquiry*. New York: Teachers College, 2001.

WELLS, Gordon. In: GALIAZZI, Maria do Carmo et al. *Indagações dialógicas com Gordon Wells*. Porto Alegre: Casaletas, 2023.

WENGER, Etienne. *Communities of practice: learning, meaning, and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

ZOLLER, Uri. Ensino de Ciências: do professor tradicional ao professor reflexivo. *Cadernos de Pesquisa*, v. 26, 2000.

Autor correspondente:

Charles dos Santos Guidotti

Universidade Federal do Rio Grande – FURG

R. Barão do Cahy, nº. 125, Bairro Cidade Alta, Santo Antônio da Patrulha/RS, Brasil

charles.guidotti@furg.br

Este é um artigo de acesso aberto distribuído
sob os termos da licença Creative Commons.

